

**Perfil empreendedor de estudantes de um curso técnico
em administração: um estudo sobre a percepção
de professores e estudantes**

**Entrepreneurial profile of administration technical course
students: a study about the perception of teachers
and students**

**Perfil empreendedor de estudantes de un curso técnico
en administración: un estudio sobre la percepción de
profesores y estudiantes**

Clayton Robson Moreira da Silva

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza/CE - Brasil

Laís Vieira Castro Oliveira

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza/CE - Brasil

Ana Paula Moreno Pinho

Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza/CE - Brasil

Resumo

Este estudo analisa a percepção de professores e estudantes de um curso técnico em administração sobre o perfil empreendedor dos estudantes. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa e de objetivo descritivo, no qual foram realizadas entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram elaboradas com base no perfil empreendedor proposto por Schmidt e Bohnenberger (2009). Foram entrevistados cinco indivíduos, dois professores e três estudantes. Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo para a análise dos dados. Os resultados apontam que há alinhamento entre a percepção dos professores e estudantes sobre o perfil empreendedor dos estudantes em relação ao perfil proposto pelos teóricos utilizados neste estudo.

Palavras-chave: Perfil empreendedor, Ensino técnico integrado, administração

Abstract

This study analyses the perception of teachers and students from an administration technical course about the entrepreneurial profile of its students. The study has qualitative approach and descriptive objective, in which was applied semi-structured interviews. The interviews were based on the entrepreneurial profile proposed by Schmidt and Bohnenberger (2009). Five individuals - two teachers and three students - have been interviewed. Content analysis technique was used for the data analysis. The results has shown that there is an alignment between teachers and

students perceptions about the entrepreneurial profile of the students in relation to the profile proposed by the theorists in which is based this study.

Keywords: Entrepreneurial profile, Integrated technical education, Administration

Resumen

Este estudio analiza la percepción de profesores y estudiantes de un curso técnico en Administración sobre el perfil emprendedor de los estudiantes. Se trata de un estudio de abordaje cualitativo y de objetivo descriptivo en el cual se realizaron entrevistas semiestructuradas. Las entrevistas se elaboraron sobre la base del perfil emprendedor propuesto por Schmidt y Bohnenberger (2009). Se entrevistaron cinco individuos, dos profesores y tres estudiantes. Se utilizó la técnica de análisis de contenido para el análisis de los datos. Los resultados señalan que hay alineación entre la percepción de los profesores y estudiantes sobre el perfil emprendedor de los estudiantes en relación al perfil propuesto por los teóricos utilizados en ese estudio.

Palabras clave: Perfil Emprendedor. Enseñanza Técnica Integrada. Administración.

1. Introdução

A cultura empreendedora difundida atualmente no país vem, nos últimos tempos, captando ideais liberais que valorizam a livre iniciativa e a autonomia, em sua realização pessoal e profissional. Destarte, percebem-se transformações importantes no mundo do trabalho, e novas formas de organização aparecem. Observa-se o desaparecimento de empregos permanentes e, simultaneamente, surgem novas tecnologias e formas inovadoras de organização do trabalho (LIMA-FILHO; SPROESSER; MARTINS, 2009).

Nesse sentido, torna-se necessário direcionar os jovens e a própria economia brasileira para formas alternativas de inclusão econômica, já que o emprego formal deixa de ser o referencial para a ocupação profissional (FILION, 1999).

A importância do trabalho está relacionada à própria relevância do empreendedorismo, da iniciativa empreendedora para a economia e para a vida de muitos jovens (LORAS; VIZCAÍNO, 2013). Nesse contexto, muitos trabalhos se destacam no âmbito do empreendedorismo, principalmente, aqueles com enfoques relacionados ao ensino e ao aprendizado (BALAN; MELCALFE, 2012).

Santos, Minuzzi e Cruz (2007) enfatizaram a necessidade de as instituições de ensino adotarem um currículo adequado para explorar e desenvolver o potencial dos alunos para o mundo dos negócios. Ferreira e Mattos (2004), por sua vez, buscaram diferenciar os tipos de educação, separando-as em dois tipos: a gerencial,

na qual se enfatiza a aquisição de *know-how*; e a empreendedora, que privilegia a aquisição de autoconhecimento dos alunos. Esses mesmos autores argumentaram acerca do papel das escolas de administração em despertar, influenciar e induzir o aluno a adotar uma postura empreendedora, mostrando a ele a possibilidade de desenvolver uma carreira como empreendedor. Santos (2008), em seu estudo, criou uma escala para identificar o potencial empreendedor de estudantes, para o treinamento de empresários ou para a seleção de candidatos ao ingresso em incubadoras de empresas.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (BRASIL, 1997), a educação profissional técnica de nível médio é desenvolvida nas formas articulada e subsequente ao ensino médio, podendo a primeira ser integrada ou concomitante a essa etapa da educação básica. Nesse contexto, no ano de 2008, por meio da Lei Estadual nº 14.273 (CEARÁ, 2008), o então governador do estado do Ceará, Cid Ferreira Gomes, decretou e sancionou texto que versa sobre a criação de escolas estaduais de educação profissional no âmbito da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Essa política do governo de Cid Gomes teve como principal objetivo integrar o ensino médio à formação profissional, através da educação de tempo integral (NASCIMENTO, 2015; LIMA, 2014).

A pesquisa tem, portanto, como objetivo geral analisar a percepção de professores e estudantes de um curso técnico em administração sobre o perfil empreendedor dos discentes. Em busca de atender ao objetivo geral deste estudo, desenvolveu-se uma pesquisa de campo em uma escola de educação profissional, que oferta o curso técnico em administração, sendo estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar a concepção de empreendedorismo e o perfil empreendedor sob a ótica dos professores e estudantes;
2. Comparar o perfil empreendedor percebido por professores e alunos com o perfil proposto pela literatura.

Compreende-se que os resultados desta pesquisa podem ser relevantes para o sistema educacional, através do delineamento do perfil empreendedor dos estudantes de um curso técnico em administração.

2. Revisão da literatura

2.1 Trajetórias do ensino profissionalizante: um panorama global, nacional e estadual

A profissionalização da mão de obra surgiu em meio ao contexto da revolução industrial e da emergência do sistema capitalista. O sistema passou a se organizar de modo a satisfazer as demandas do capital. Dentre essas demandas, destaca-se a necessidade de maximizar os volumes de produção através da profissionalização da mão de obra e do parcelamento das atividades (MARGLIN, 1978). Essa discussão evoluiu e se tornou presente no chão das fábricas. A profissionalização dos operários é um dos pontos de destaque na evolução da administração enquanto ciência. Taylor, por meio da organização racional do trabalho e da divisão de tarefas, defendia que, quanto mais profissionalizada fosse a mão de obra, mais rápido, amplo e de melhor qualidade seria o processo de elaboração do produto (SCHACHTER, 2010; VIZEU, 2010; GARCIA, 1981).

Nessa esteira, observa-se que o ensino profissional sempre esteve, mesmo que de forma indireta, conectado às ideias de melhoria e otimização do trabalho. Alves (2013) enfatiza que, durante toda a história, sempre foi atribuído à escola, ou ao sistema educativo como um todo, a responsabilidade de formar os indivíduos para atender às evoluções do mercado, formando uma série de técnicos aptos a executar as mais diversas funções. Apesar de a profissionalização do trabalho estar frequentemente relacionada ao sistema Taylorista/Fordista (SCHACHTER, 2010; VIZEU, 2010; GARCIA, 1981), Kuenzer (2004; 2007) critica essa pedagogia, afirmando que não é a rigidez que prepara uma mão de obra profissionalizada. A autora discute que o binômio homem-trabalho deve ser conduzido por meio do conhecimento científico, tecnológico e sócio-histórico, levando o indivíduo à construção de conhecimentos sistematizados e à vivência de experiências e comportamentos, não havendo espaço para a rigidez presente nas fábricas, fruto do sistema capitalista.

No contexto brasileiro, diversos autores discutem acerca do processo de evolução, o qual a educação profissional passou para chegar aos moldes atuais (ALMEIDA, 2010; WERMELINGER; MACHADO; AMÂNCIO FILHO, 2007; CUNHA, 2000). Argumenta-se que, durante muito tempo, a função principal do ensino médio

era de preparar os estudantes para o ingresso no ensino superior, não havendo articulação entre escola e mercado de trabalho. Nesse contexto, para atender a tal necessidade, eis que emergiu a Lei nº 5.692 de 1971 (BRASIL, 1971), ou Lei da Reforma do Ensino de 1º e 2º Graus, como uma resposta a essa ausência de conexão entre ensino médio e habilitação profissional. Essa lei fez com que os currículos tivessem um núcleo comum em todo o território nacional e uma parte do currículo diversificada e voltada para uma formação técnica (WERMELINGER; MACHADO; AMÂNCIO FILHO, 2007). Posteriormente, no ano de 1982, foi promulgada a Lei nº 7.044 (BRASIL, 1982), derivada da Lei nº 5.692 de 1971, que trouxe de volta aspectos propedêuticos ao ensino médio, mais uma vez focado no ingresso do aluno na universidade (KUENZER, 2001), porém, não revogou por completo aspectos voltados para a profissionalização do aluno, que continuou sendo uma possibilidade (ALMEIDA, 2010; CUNHA, 2000).

Em 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), ou Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996), observaram-se mudanças significativas nas políticas educacionais, principalmente, no que tange ao ensino médio e profissional técnico. Quanto a essa etapa de ensino, a LDB destaca que o ensino médio tem a finalidade de aprofundar os conteúdos adquiridos no ensino fundamental, bem como a possibilidade de preparação para o mercado de trabalho, crescimento do indivíduo como cidadão e pessoa humana, além da construção de conhecimentos científico-tecnológicos e a possibilidade de profissionalização (ALMEIDA, 2010; GARCIA, 2009; CUNHA, 2000). Cunha (2000) ainda destaca que o Decreto nº 2.208, de 1997, instituiu três níveis para o ensino profissional: o básico (que inclui cursos de curta duração para adultos), o técnico e o tecnológico (graduação tecnológica). Quanto ao ensino técnico profissionalizante, que é objeto deste estudo, o Conselho Nacional de Educação, através do Parecer 17, de 1997, instituiu que o certificado de técnico só deve ser outorgado àqueles que também concluíram o ensino médio regular.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio (BRASIL, 1997), a educação profissional técnica de nível médio é desenvolvida de forma articulada e subsequente ao ensino médio, podendo a primeira ser integrada ou concomitante a essa etapa da educação básica. No caso do estado do Ceará, foram criadas Escolas Estaduais de Educação Profissional
Revista Educação Online, Rio de Janeiro, n. 25, mai-ago 2017, p. 141-165

(EEEPs), como uma política pública de educação, cujo principal objetivo era integrar o ensino médio à formação profissional, através da educação de tempo integral (NASCIMENTO, 2015; LIMA, 2014). A criação das EEEPs estava prevista na Lei Estadual nº 14.273 e foi sancionada pelo então governador do estado do Ceará, Cid Ferreira Gomes (CEARÁ, 2008).

Nessa direção, Nascimento (2015) e Lima (2014) destacam que a formação dos alunos egressos dos cursos técnicos ofertados pelas EEEPs, no estado do Ceará busca, além de tudo, fomentar a economia local, seja através da formação da mão de obra qualificada tecnicamente, ou através da criação de novos negócios por parte desses estudantes. Isso vai de encontro às propostas dos últimos governos, que tinham como objetivo gerar riqueza através da criação de novos negócios e da formalização de micro e pequenos empreendedores. As autoras ainda destacam a existência de disciplinas voltadas ao empreendedorismo e a criação de novos negócios na grade curricular dos cursos ofertados pelas EEEPs, evidenciando uma proposta empreendedora para os egressos desses cursos no estado do Ceará.

2.2 Empreendedorismo e perfil empreendedor

Empreendedorismo, segundo Dornellas (2005), é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, conseguem transformar ideias em oportunidades. Empreender está relacionado com fazer diferente, inovar, executar novas ideias, almejar novas oportunidades, enfim, uma série de iniciativas em busca da autorrealização. A origem da palavra vem do verbo francês *entrepreneur*, que significa aquele que assume riscos e começa algo novo. Assim, o empreendedor é, por exemplo, aquela pessoa que percebe uma oportunidade e cria uma empresa, investindo dinheiro nela e assumindo os riscos calculados (VIEIRA et al, 2014).

De acordo com Ferreira (2002), o termo *entrepreneur* foi cunhado por volta de 1800, pelo economista francês Jean-Baptiste Say, para identificar o indivíduo que transfere recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento.

Enfim, para o termo empreendedorismo, existem muitas definições. Em meados do século XX, a palavra empreendedorismo foi utilizada pelo economista Joseph Schumpeter, em 1950, como sendo, de forma resumida, uma pessoa com criatividade e capaz de fazer sucesso com inovações. Dornellas (2005) aponta, com Revista Educação Online, Rio de Janeiro, n. 25, mai-ago 2017, p. 141-165

base em Schumpeter, que o empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais.

Mais tarde, em 1967, com Kenneth Knight, e, em 1970, com Peter Drucker, foi introduzido o conceito de risco; uma pessoa empreendedora precisa arriscar em algum negócio. Em 1985, com Pinchot, foi introduzido o conceito de intraempreendedor, uma pessoa empreendedora, mas dentro de uma organização.

Para Ferreira, Reis e Pereira (2002), uma abordagem completa da *entrepreneurship*, que, na linguagem acadêmica e empresarial do nosso país, é traduzida por administração empreendedora, envolve aspectos culturais, psicológicos, econômicos e tecnológicos. Entretanto, entendido por inferência num sentido bastante amplo, o espírito empreendedor está relacionado com a satisfação de alguma necessidade, com a disposição para enfrentar crises, com a exploração de oportunidades, com a simples curiosidade ou com o acaso.

No Brasil, segundo Dornelas (2005), o movimento do empreendedorismo começou a tomar forma na década de 1990, a partir da criação de entidades como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e a Sociedade Brasileira para Exportação de Software (Softex). Antes desse momento, o termo empreendedor era praticamente desconhecido, e a criação de pequenas empresas era limitada, em função do ambiente político e econômico nada propício do país.

Em uma perspectiva educadora, destaca-se a importância do empreendedorismo no contexto de inovação e desenvolvimento dentro da sociedade. Dessa forma, o empreendedorismo pode ser um importante ponto na história das relações entre o indivíduo e a comunidade (DOLABELA, 1999; DRUCKER, 1986).

Drucker (1986) acredita que não se pode ser omissos na educação dos indivíduos, para que inovem, para que sejam criativos e para que busquem o crescimento e a mudança na maneira de entender o valor do trabalho.

O empreendedorismo tem sido visto como uma ação criativa e diferenciada, com o objetivo de proporcionar às empresas uma grande melhoria na busca dos mais altos níveis de desenvolvimento, procurando atingir resultados satisfatórios visando ainda à diminuição de custos (VIEIRA et al., 2014; DORNELLAS, 2005). Pode-se perceber também que o termo é constantemente relacionado à criação de

novos negócios, geralmente micro e pequenas empresas. Entretanto, uma ação empreendedora não se restringe apenas ao ato de abrir novas empresas, mas pode estar relacionado a vários tipos de mudanças nas organizações, em vários estágios de desenvolvimento, tratando-se de um processo prático e complexo (BALAN; MELCALFE, 2012).

Por fim, considera-se oportuno ressaltar que, segundo a literatura revisada, o início da difusão do empreendedorismo no Brasil nasceu por conveniência do governo e sobrevivência de muitos trabalhadores, que saíram das grandes estatais após o processo de privatização. A partir disso, o governo se propôs a fornecer subsídios, para que os trabalhadores tivessem a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento e a geração de emprego no Brasil.

Em relação ao perfil empreendedor, muitas pesquisas acadêmicas se propuseram a identificar as características e competências comuns encontradas nos indivíduos (FERREIRA; FREITAS, 2013). Esses estudos têm revelado um conjunto de características que vêm sendo encontradas constantemente em grande parte dos empreendedores pesquisados (OLAKITAN; AYOBAMI, 2011; LOPES JÚNIOR; SOUZA, 2005).

Além disso, autores discutem acerca das aptidões existentes no indivíduo empreendedor. Alguns defendem que o empreendedorismo é uma característica intrínseca à personalidade do indivíduo, enquanto outros apresentam o empreendedorismo como um conjunto de técnicas, habilidades e conhecimentos que podem ser desenvolvidos pelo indivíduo (PREMAND et al., 2016; TÄKS et al., 2014; GRAEVENITZ; HARHOFF; WEBER, 2010).

McClelland (1972) é considerado um autor de referência na perspectiva comportamental do empreendedorismo, defendendo a existência de dez características comportamentais empreendedoras: (i) busca de oportunidades e iniciativa; (ii) capacidade de assumir riscos calculados; (iii) persistência; (iv) exigência de qualidade e eficiência; (v) comprometimento; (vi) busca de informações; (vii) determinação de metas; (viii) planejamento e monitoramento sistemático; (ix) capacidade de persuasão e rede de contatos; e (x) independência e autoconfiança. As cinco primeiras dizem respeito à categoria denominada de realização; a sexta, sétima e oitava tratam de planejamento; e as duas últimas à categoria chamada de poder.

Por sua vez, a pesquisa desenvolvida por Schmidt e Bohnenberger (2009) buscou estudar a base conceitual do perfil empreendedor. Esses autores construíram uma estrutura com as características determinantes do perfil empreendedor. Dessa forma, o estudo teve como objetivo a construção e validação de um instrumento de medição do perfil empreendedor e sua relação com o desempenho organizacional. O instrumento de medição foi iniciado com a definição de oito constructos, oriundos das características desse perfil, assim descritos pelos autores: (i) autoeficaz; (ii) assume riscos calculados; (iii) planejador; (iv) detecta oportunidades; (v) persistente; (vi) sociável; (vii) inovador; e (viii) líder. Itens de medição foram criados para cada constructo, resultando em um questionário estruturado por meio de uma escala Likert.

Para alcançar os objetivos propostos neste estudo, optou-se por utilizar o instrumento desenvolvido por Schmidt e Bohnenberger (2009). Dessa forma, como se trata de um estudo qualitativo, o instrumento serviu como suporte para elaboração do roteiro semiestruturado e da dinâmica realizada com os participantes (professores e estudantes). Assim, foi escolhido o instrumento de medição desses autores, por considerá-lo adequado à estrutura deste trabalho.

3. Metodologia

Esse estudo se caracteriza como descritivo, de natureza qualitativa, contribuindo para uma maior compreensão do fenômeno estudado a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos (GRAY, 2012; COLLIS; HUSSEY, 2005). Assim, permite-se aos sujeitos relatar as características de sua experiência pessoal proposta neste estudo. A pesquisa com abordagem qualitativa “é uma atividade situada que localiza o observador no mundo” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17). Isso implica em dizer que ela consiste na busca de dados para compreender e realizar a interpretação de certos comportamentos, como também a opinião e expectativas de um grupo de indivíduos de uma determinada localidade.

De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa comporta práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo, com o objetivo de representar o mundo através das notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e lembretes. Os autores ainda complementam, dizendo que os pesquisadores que utilizam a pesquisa qualitativa possuem uma ampla variedade

de práticas interpretativas interligadas, com a finalidade de compreender melhor o assunto que está ao seu alcance. De acordo com Creswell (2010), a pesquisa qualitativa é interpretativa, na qual o pesquisador se envolve em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes.

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com base em um roteiro previamente desenvolvido para atender aos objetivos da pesquisa, e a análise dos dados se deu por meio de análise de conteúdo. Segundo Bardin (2011), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análises das comunicações, em que o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos das mensagens. A autora sugere que a análise de conteúdo deve ser realizada em três etapas: (i) pré-análise; (ii) exploração do material; e (iii) tratamento dos resultados: inferência e interpretação.

Dessa forma, inicialmente, realizou-se a pré-análise, que consistiu na organização do material; posteriormente, os conteúdos das entrevistas foram transcritos, viabilizando a exploração do material de forma mais aprofundada; ao fim, toda a leitura e análise realizadas anteriormente foram organizadas sistematicamente, a fim de expor os resultados com o intuito de alcançar os objetivos propostos no estudo.

O instrumento utilizado para a coleta dos dados teve como referência o estudo desenvolvido por Schmidt e Bohnenberger (2009), que propuseram um modelo de medição para o perfil e a intenção empreendedora, elaborando e validando um instrumento de medição, que define oito constructos oriundos das características do perfil empreendedor, assim descritos pelos autores, conforme o Quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Características do perfil empreendedor

Características	Descrição
Autoeficaz	É a estimativa cognitiva que uma pessoa tem das suas capacidades de mobilizar a motivação, recursos cognitivos e cursos de ação necessários para exercitar controle sobre eventos na sua vida.
Assume riscos calculados	Pessoa que, diante de um projeto pessoal, relaciona e analisa as variáveis que podem influenciar o seu resultado, decidindo, a partir disso, a continuidade do projeto.
Planejador	Pessoa que se prepara para o futuro.
Detecta oportunidades	Habilidade de capturar, reconhecer e fazer uso efetivo de informações abstratas, implícitas e em constante mudança.

Persistente	Capacidade de trabalhar de forma intensiva, sujeitando-se até mesmo a privações sociais, em projetos de retorno incerto.
Sociável	Grau de utilização da rede social para suporte à atividade profissional.
Inovador	Pessoa que relaciona ideias, fatos, necessidades e demandas de mercado de forma criativa.
Liderança	Pessoa que, a partir de um objetivo próprio, influencia outras pessoas a adotarem voluntariamente esse objetivo.

Fonte: Schmidt e Bohnenberger (2009)

Para alcançar os objetivos propostos na presente pesquisa, foram elaboradas oito perguntas e realizadas entrevistas semiestruturadas. Seguindo esse roteiro, abordaram-se questões que buscavam investigar, inicialmente, o perfil pessoal dos respondentes; a percepção em relação ao perfil empreendedor; as características empreendedoras percebidas no sujeito aluno; as primeiras impressões sobre o curso técnico em administração; a percepção de ações empreendedoras desenvolvidas na escola; e as perspectivas futuras para os anos seguintes de formação superior. Além das perguntas, solicitou-se aos sujeitos a organização das características do perfil empreendedor propostas por Schmidt e Bohnenberger (2009). Dessa forma, os entrevistados deveriam elencar as fichas, de acordo com o grau de importância na percepção deles.

Participaram da pesquisa um total de cinco pessoas, duas delas professores, o primeiro leciona disciplinas da base comum e o segundo do eixo técnico. Os demais sujeitos, três alunos, são estudantes do curso técnico em administração de diferentes turmas, 1º, 2º e 3º respectivamente, todos oriundos de escolas públicas, um do sexo masculino e dois do sexo feminino. Buscou-se realizar as entrevistas com estudantes de cada uma das turmas, para analisar a percepção, tanto dos estudantes que estavam iniciando os estudos na modalidade integrada, como daqueles que já estavam finalizando o curso.

As entrevistas foram realizadas na própria instituição escolar, onde os alunos que aceitaram participar foram escolhidos mediante sorteio. Esse procedimento foi realizado em cada uma das turmas. As entrevistas foram individuais e realizadas em uma única sessão, que, durava, em média, 20 minutos. Após o consentimento dos participantes, as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Nesse contexto, o processo de transcrição é uma etapa necessária à interpretação dos

dados. Este estudo realizou a transcrição literal e a citação da fala do sujeito integralmente.

Para a análise do conteúdo coletado, utilizou-se a análise de conteúdo, pois, segundo Bardin (2011), ela se baseia numa técnica aplicável a discursos diversos e a todos os tipos de comunicação. Ainda, segundo a autora, por trás do discurso aparente, simbólico e polissêmico, esconde-se um sentido a ser desvendado. Dessa forma, será essencial o cuidado e o rigor da análise realizada pelos pesquisadores, a partir do material empírico coletado.

A técnica qualitativa da análise de conteúdo permite ainda extrair os significados temáticos ou os significantes lexicais, através dos elementos mais simples dos textos. Pode-se destacar também a análise sistemática e a utilização de grande quantidade de dados, oferecendo processos bem documentados (CHIZZOTI, 2011; BAUER, 2011; BARDIN, 2011).

4. Análise e discussão dos resultados

Nesta seção, são apresentados os dados da pesquisa a partir da coleta realizada, bem como suas análises e reflexões. Para facilitar a compreensão dos resultados, os dados estão apresentados em quadros. O Quadro 2 apresenta o perfil geral dos participantes da pesquisa.

Quadro 2: Perfil dos entrevistados

Entrevistados	Gênero	Área/Turma	Experiência Empreendedora	Formação
Professor 1	Masculino	Linguagens e Códigos	Sim	Graduado em Letras
Professor 2	Masculino	Eixo Técnico	Não	Graduado em Administração
Estudante 1	Masculino	1º Ano	Não	Téc. Administração (Cursando)
Estudante 2	Feminino	2º Ano	Não	Téc. Administração (Cursando)
Estudante 3	Feminino	3º Ano	Não	Téc. Administração (Cursando)

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme já relatado anteriormente, a pesquisa foi realizada em uma Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP), localizada na região metropolitana de Fortaleza. As entrevistas foram realizadas com dois professores, um deles ministra

aulas na base regular, e o outro, na base profissionalizante do ensino técnico. Além dos professores, foram entrevistados três alunos de diferentes etapas do curso técnico em administração, um do 1º ano, um do 2º ano e um do 3º ano. Quanto à formação dos professores, observa-se que, apesar de o Professor 1 não possuir formação na área de administração, possui experiência empreendedora.

Quadro 3: Características empreendedoras apresentadas pelos entrevistados de forma livre

Professor 1	Professor 2	Estudante 1	Estudante 2	Estudante 3
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Proatividade ✓ Boas relações interpessoais ✓ Habilidade em negociar ✓ Inovador 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ação ✓ Disposição ✓ Garra 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Proatividade ✓ Inovador ✓ Persistente 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Inovação ✓ Atender às necessidades das pessoas ✓ Ser realista 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Liderança ✓ Visão econômica

Fonte: Dados da pesquisa

No Quadro 3, são apresentadas características do perfil empreendedor, na visão dos entrevistados, questionados sobre quais características eram fundamentais para um empreendedor. As respostas foram dadas de forma livre, com base nas vivências, experiências, teorias e crenças adquiridas pelos indivíduos no decorrer de suas vidas. Essa etapa da entrevista se dá de forma pragmática e, como enfatiza Bardin (2011), é utilizada para fazer surgir espontaneamente associações de forma livre e rápida.

Nesse contexto, a percepção dessas características por parte dos professores foi bastante diferenciada. Embora o Professor 1 não possua formação voltada para a área administrativa e/ou empreendedora, ele destacou características mais alinhadas às propostas por Schmidt e Bohnenberger (2009) do que o Professor 2, que é administrador por formação. Isso leva à reflexão sobre se há realmente alguma conexão entre a formação acadêmica e a atuação como empreendedor.

Na percepção dos estudantes, a característica mais frequente é a da inovação, que, segundo Schmidt e Bohnenberger (2009), é aquele indivíduo que relaciona ideias, fatos, necessidades e demandas de mercado de forma criativa. Outro ponto de destaque na primeira etapa da entrevista foi a rapidez na resposta dos estudantes: eles foram bastante objetivos e limitaram as respostas. O mesmo não aconteceu com os professores, que relataram experiências e exemplos: 'É, a pessoa para ser empreendedora, tem que ter a proatividade, né? Tem que ter é... a

habilidade da interpessoalidade, né? Saber se relacionar bem com as outras pessoas” (Professor 1).

A forma como esse entrevistado percebe o ser empreendedor vai de encontro ao proposto pelo modelo teórico deste estudo, uma vez que eles apontam a característica “sociável” como algo essencial ao empreendedor. O entrevistado prosseguiu, dizendo: “Tem que ter também a habilidade de saber negociar... Capacidade de procurar os fornecedores mais baratos. Todas essas características aí, eu vejo como de suma importância para ser um empreendedor e tem também que saber sempre inovar” (Professor 1).

Nessa esteira, observam-se, na fala do entrevistado, características semelhantes à definida pelos teóricos como “planejador”, ou seja, o indivíduo que se prepara para o futuro. Prosseguindo com a análise das falas dos entrevistados, foram observados trechos nos quais os entrevistados entraram em consonância, além de outros momentos em que foram apresentados termos semelhantes, ou mesmo idênticos, aos propostos por Schmidt e Bohnenberger (2009), no que concerne ao perfil empreendedor.

Porque com esse mercado que a gente tem hoje, a gente vê que a pessoa tem que saber inovar constantemente, por exemplo: eu acho muito importante, hoje em dia, o empreendedor ter muito conhecimento de informática... (Professor 1)

Eu acho que a pessoa precisa, de fato, primeiro, ter vontade de querer fazer as coisas, de querer inovar, não necessariamente de inovar, mas de agir. [...] Então... Eu acho que a principal característica de alguém que queira ser empreendedor é ter ação, agir de fato e aí ter disposição para estudar, trabalhar... (Professor 2)

O Professor 1 apresenta o termo “inovação” como uma característica do perfil empreendedor, estando essa palavra bastante alinhada ao mesmo termo utilizado pelos teóricos. Entretanto, a compreensão do professor acerca de inovação é limitada, uma vez que ele a apresenta como algo voltado à tecnologia e artifícios modernos. Na verdade, Schmidt e Bohnenberger (2009) argumentam que a inovação está relacionada com ideias, fatos, necessidades e demandas de mercado de forma criativa. Já o Professor 2, apesar das inconsistências presentes em sua fala, apresenta a característica “inovação” com um significado semelhante ao dos teóricos. Ele destaca, de forma insistente, a necessidade do empreendedor de agir. A “ação” não é uma característica pontuada pelos teóricos, porém, pressupõe-se que o “agir” é o pontapé inicial para qualquer empreendimento. Portanto, essa não

seria uma característica, mas uma necessidade para que o ser empreendedor desperte. Não está relacionada ao perfil empreendedor, mas à existência do empreender.

Ser proativo, ser inovador, ser [...] persistência, porque, normalmente, não dá certo de primeira. (Estudante 1)

Inovação, é [...] tem que atender à necessidade das pessoas, tem que sempre 'tá' a par da realidade das coisas que 'tão' acontecendo. Eu acho que essas são as principais. (Estudante 2)

Em relação à percepção dos estudantes entrevistados, dois deles também mencionam a inovação como característica necessária a um empreendedor. O primeiro, além da "inovação", menciona a "persistência", que também está presente nos construtos apresentados pelos teóricos, os quais dizem que persistência é capacidade de trabalhar de forma intensiva, sujeitando-se até mesmo a privações sociais, em projetos de retorno incerto. Essa incerteza está presente na fala do Estudante 1, quando diz "[...] porque, normalmente, não dá certo de primeira".

O segundo estudante também apresenta a característica "inovação", seguindo a tendência observada dentre os demais entrevistados. Porém, além dela, o segundo estudante constrói sua fala sobre um discurso que muito se assemelha a outra característica proposta por Schmidt e Bohnenberger (2009): "detecta oportunidades". Quando o Estudante 2 fala "[...] tem que sempre 'tá' a par da realidade, das coisas que 'tão' acontecendo", isso dá uma ideia de observação, de reconhecimento daquilo que está a sua volta, a fim de captar, detectar, aquilo que lhe for favorável, ou seja, a oportunidade.

A terceira estudante entrevistada, ao ser questionada sobre quais características são essenciais em um empreendedor, afirma que ele precisa... "Saber ser um líder e ter visão econômica" (Estudante 3). Nessa breve fala, ela apresenta duas características também colocadas pelos teóricos. A primeira, "liderança"; a segunda, "assume riscos calculados". Ter visão econômica está relacionado à capacidade de o indivíduo analisar tudo aquilo que pode vir a influenciar no seu negócio, de modo a optar pela melhor alternativa, que não comprometa seu empreendimento, ou seja, assumir riscos, mas de forma calculada, de forma visionária, utilizando-se de artifícios econômicos e gerenciais.

A análise de conteúdo apresentada neste estudo permitiu compreender a diversidade de respostas e conhecimentos presentes nos sujeitos da pesquisa sobre a temática investigada. De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo, enquanto método, permite a utilização de inferências, entretanto, deve ter como ponto de partida a organização.

Nessa esteira, após o relato evidenciado de forma livre, sobre as percepções acerca das características do perfil empreendedor, os entrevistados foram apresentados àquelas propostas por Schmidt e Bohnenberger (2009) e foram orientados a dispô-las de modo que: a que julgavam ser mais importante para um empreendedor ficasse no topo; e a que julgavam menos importante ficasse na base. O Quadro 4 apresenta essa ordenação:

Quadro 4: Características empreendedoras de Schmidt e Bohnenberger (2009) dispostas por ordem de importância, na percepção dos entrevistados

	Professor 1		Professor 2		Estudante 1		Estudante 2		Estudante 3
1	Inovador	1	Liderança	1	Inovador	1	Planejador	1	Planejador
2	Sociável	2	Detecta oportunidades	2	Liderança	2	Liderança	2	Autoeficaz
3	Planejador	3	Persistente	3	Detecta oportunidades	3	Sociável	3	Inovador
4	Liderança	4	Planejador	4	Planejador	4	Persistente	4	Liderança
5	Persistente	5	Autoeficaz	5	Persistente	5	Inovador	5	Sociável
6	Detecta oportunidades	6	Sociável	6	Assume riscos calculados	6	Detecta oportunidades	6	Detecta oportunidades
7	Assume riscos calculados	7	Inovador	7	Sociável	7	Autoeficaz	7	Persistente
8	Autoeficaz	8	Assume riscos calculados	8	Autoeficaz	8	Assume riscos calculados	8	Assume riscos calculados

Fonte: Dados da pesquisa

Como já mencionado, nessa etapa das entrevistas, foi solicitado aos estudantes e professores a organização das fichas com as características empreendedoras propostas por Schmidt e Bohnenberger (2009), de acordo com o grau de importância para cada um, sendo a primeira a mais importante e a última a menos importante. Nesse contexto, a maior parte dos entrevistados destacou duas características principais: “inovador” e “planejador”. As características menos importantes, dispostas segundo o grau de importância, foram: “autoeficaz” e “assume riscos calculados”.

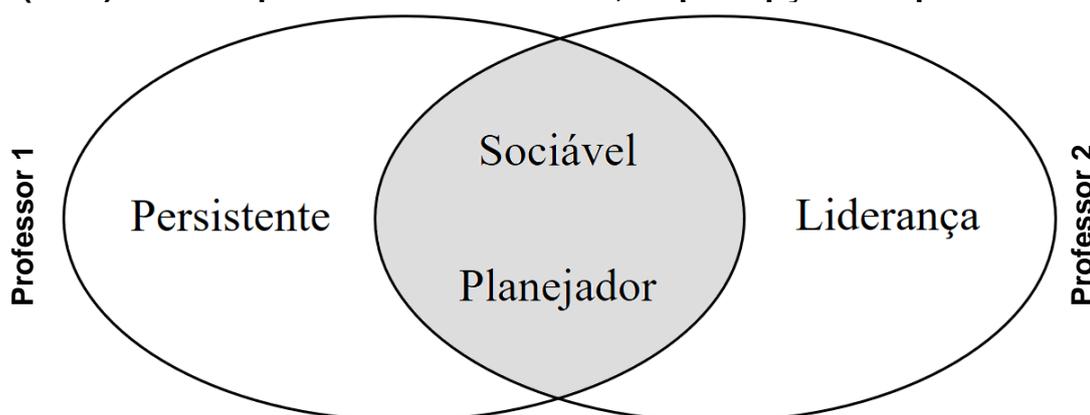
Percebe-se que, em linhas gerais, existe alinhamento entre as respostas espontâneas e orientadas dos entrevistados. O Professor 1, quando questionado de forma livre, apontou a “inovação” como uma característica essencial ao empreendedor, assim como disse que o empreendedor precisa “saber se relacionar bem com as outras pessoas”. Ao realizar a atividade orientada sobre as características, observa-se que no topo da sua lista estão as características “inovador” e “sociável”

Em relação ao Professor 2, não se percebe um perfeito alinhamento nesses dois momentos, mas, se observarmos de forma genérica, é possível perceber que, em terceiro lugar, o entrevistado elencou a característica “persistente” e, em sua fala, foi incisivo ao dizer que, para ser empreendedor, é preciso ter disposição para estudar, trabalhar e quebrar a cara às vezes, ou seja, persistir.

No que concerne aos estudantes, observa-se que há certo alinhamento em relação às características “planejador” e “liderança”. A primeira aparece no topo da lista de dois estudantes, enquanto a palavra “liderança” figura em segundo lugar na lista de dois deles. Em linhas gerais, a característica “inovador” também ocupa posição de destaque nessa etapa da pesquisa.

Depois de organizado o *ranking* das características do perfil empreendedor por ordem de importância, na percepção de professores e estudantes, solicitou-se que os entrevistados selecionassem, dentre as características, três que eles observavam com maior frequência entre os estudantes do curso técnico em administração. A Figura 1 traz as características selecionadas pelos professores e a interseção que existe entre elas. A figura 2 traz as selecionadas pelos estudantes e as interseções existentes entre elas.

Figura 1: Características do perfil empreendedor de Schmidt e Bohnenberger (2009) mais frequentes nos estudantes, na percepção dos professores

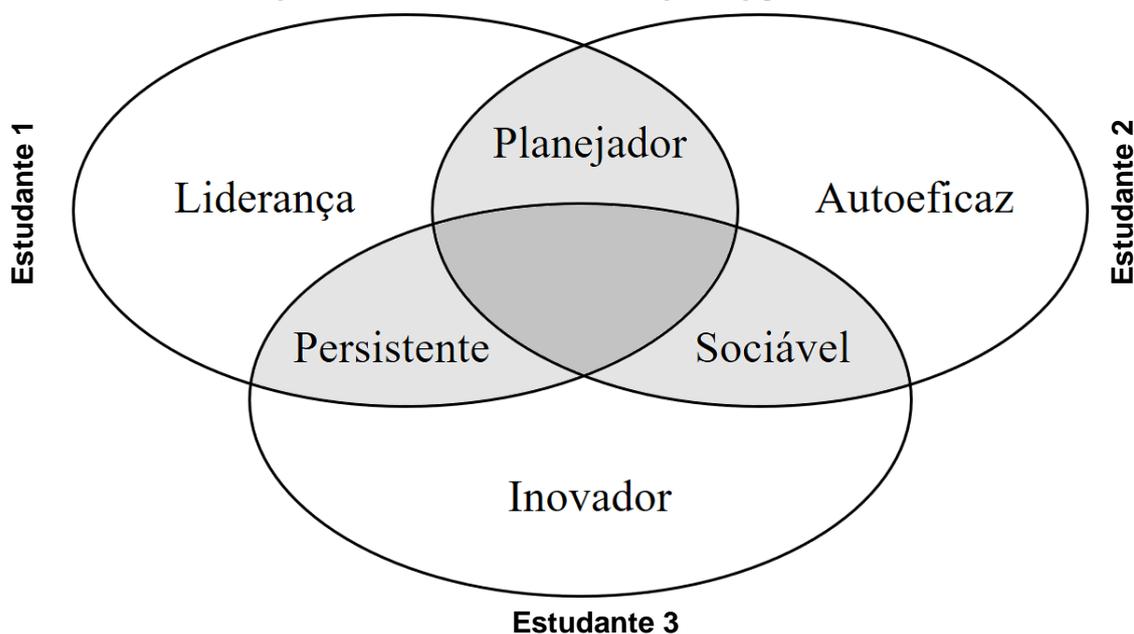


Fonte: Elaborado pelos autores

As figuras 1 e 2 apresentam as interseções entre as respostas dos entrevistados em relação ao perfil empreendedor. Pondera-se que a análise por meio de termos repetidos em maior frequência é utilizada como forma de comparação e colabora para o processo de análise. Além disso, argumenta-se que as unidades de análise podem variar entre textos, palavras, sentenças e parágrafos (Bardin, 2011). Nessa etapa, optou-se por analisar as palavras que são endereçadas ao perfil empreendedor, segundo Schmidt e Bohnenberger (2009), e que foram atribuídas pelos entrevistados.

Nesse contexto, observa-se, na Figura 1, que, das três características escolhidas pelos professores, duas são comuns entre eles: “sociável” e “planejador”. Isso nos faz perceber que os professores, apesar de suas particularidades, percebem seus alunos de forma semelhante, observando características do perfil empreendedor parecidas neles. Os professores divergem, na medida em que o primeiro escolheu “persistente”, além de “sociável” e “planejador”, e o segundo escolheu “liderança”.

Figura 2 Características do perfil empreendedor de Schmidt e Bohnenberger (2009) mais frequentes nos estudantes, na percepção dos discentes



Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação à Figura 2, observa-se que não há interseção de uma mesma característica entre os três estudantes entrevistados, mas há interseções de três características com dois estudantes cada. A característica “planejador” foi apontada pelos estudantes 1 e 2; a “sociável” foi destacada pelos estudantes 2 e 3; e a “persistente” foi escolhida pelos estudantes 1 e 3. Apenas o Estudante 1 selecionou “liderança”; o Estudante 2, “autoeficaz”; e o Estudante 3, “inovador”. Com base nisso, observa-se que os estudantes têm uma percepção menos homogênea em relação às características do perfil empreendedor, presentes nos discentes do curso técnico em administração, do que a percepção dos professores, que se apresenta mais homogênea.

Além de serem perguntados sobre as características mais presentes nos discentes do curso técnico em administração, os entrevistados foram questionados sobre a característica menos frequente, na visão deles. O Quadro 5 traz as características menos frequentes nos discentes, segundo os entrevistados.

Quadro 5: Característica empreendedora de Schmidt e Bohnenberger (2009) de menos frequente entre os estudantes na visão dos entrevistados

Professor 1	Professor 2	Estudante 1	Estudante 2	Estudante 3
Inovador	Autoeficaz	Sociável	Liderança	Assumir riscos calculados

Fonte: Elaborado pelos autores

Com base no Quadro 5, observa-se que não há homogeneidade nas respostas apresentadas pelos entrevistados, cada um deles percebe uma característica menos frequente entre os discentes. O Professor 1 apresenta “inovador” como a menos observada por ele entre seus alunos. O Professor 2 destaca a “autoeficaz” como a menos presente. O Estudante 1 aponta a “sociável” como a menos presente entre seus colegas. O Estudante 2 destaca “liderança”. O Estudante 3 apresenta “assume riscos calculados” como a menos presente entre os alunos.

Pode-se observar também que, com base nas características do perfil empreendedor propostas por Schmidt e Bohnenberger (2009), as palavras que não foram citadas como as menos presentes entre os alunos foram “planejador”, “persistente” e “detecta oportunidades”. “Planejador” aparece nas interseções, tanto entre os dois professores, como entre os estudantes 1 e 2, quando foram perguntados sobre as características observadas com maior frequência entre os alunos. “Persistente” foi citado pelo Professor 1 como uma das mais frequentes e também está presente na interseção entre os estudantes 1 e 3. “Detecta oportunidades” não foi mencionado entre as mais frequentes, mas também não figura entre as características menos frequentes.

5. Considerações finais

A presente pesquisa procurou contribuir com a descrição e análise da percepção de professores e estudantes em relação ao perfil empreendedor dos discentes de uma EEEP do curso Técnico em Administração, proporcionando, aos estudantes iniciais do curso e àqueles que estavam no último ano na modalidade do ensino médio integrado, pontuar e expressar aquilo que se destacou nas suas respectivas vivências e pontos de vista em relação ao perfil empreendedor. Da mesma forma com a percepção dos sujeitos professores, em relação aos estudantes.

Pode-se destacar que a escola de ensino médio profissionalizante não deve ser vista como a única responsável pelo processo de internalização do conhecimento e vivências práticas no mundo do trabalho, direcionando os alunos para uma desenvoltura empreendedora ou áreas afins da administração, pois existem outros agentes externos com alto grau de interferência, como fatores

individuais do sujeito e a experiência que ele teve na sua vida escolar durante o ensino médio.

Em relação ao objetivo geral – I analisar a percepção de professores e estudantes de um curso técnico em administração sobre o perfil empreendedor dos discentes – observa-se que, tanto os professores, como os estudantes percebem a presença de algumas características essenciais ao perfil empreendedor dos discentes. No que tange ao primeiro objetivo específico – identificar a concepção de empreendedorismo e o perfil empreendedor sob a ótica dos professores e estudantes – percebe-se que, a partir de algumas características mais destacadas por eles, as respostas foram baseadas nas vivências, experiências, teorias e crenças adquiridas pelos indivíduos no decorrer de suas vidas.

Nesse contexto, a percepção por parte dos professores é bastante diferenciada. Embora, eles tenham formações distintas, ambos conseguiram relatar pontos relevantes acerca das características empreendedoras. Na percepção dos estudantes, a característica mais frequente é a *daí*. Outro ponto de destaque é que todos os sujeitos se limitaram a relatar apenas três características empreendedoras.

O segundo objetivo específico foi alcançado ao se comparar o perfil empreendedor percebido por professores e alunos com o perfil proposto pela literatura. Como já mencionado nos resultados, os estudantes e professores realizaram a organização das fichas com as características empreendedoras propostas por Schmidt e Bohnenberger (2009), de acordo com o grau de importância para cada um, sendo a primeira a mais importante, e a última, a menos importante.

Assim, a maior parte dos entrevistados destacou duas características principais: “inovador” e “planejador”. As menos importantes, dispostas segundo o grau de importância, foram: “autoeficaz” e “assume riscos calculados”. Nessa direção, percebe-se que, em linhas gerais, existe alinhamento entre as respostas espontâneas e orientadas dos entrevistados, como também ocorre com as características propostas pelos autores.

A análise realizada neste estudo se baseou numa estratégia metodológica qualitativa. Sugere-se que, em pesquisas futuras, sejam desenvolvidos estudos quantitativos com análises estatísticas capazes de identificar o perfil empreendedor dos estudantes, relacionando-o com outras diferentes variáveis, proporcionando uma análise mais ampla.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, N. M. P. *O ensino profissional técnico de nível médio no Brasil e no Chile: convergências e divergências na formação profissional e no trabalho*. 2010. Tese (Doutorado em Integração da América Latina) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

ALVES, L. A. M. Ensino técnico: uma necessidade ou uma falácia? Notas para a compreensão da filosofia do ensino técnico em Portugal e no Brasil. *Hist. Educ.*, v. 17, n. 41, p. 103-122, 2013.

BALAN, P.; METCALFE, M. Identifying teaching methods that engage entrepreneurship students. *Education + Training*, v. 54, n. 5, p. 368-384, 2012.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. GASKELL, G. (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 9ªed. Petrópolis: Vozes, 2011. p.189-217

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. *Lei Nº 5.692/71*. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º grau, e dá outras providências. Congresso Nacional. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

BRASIL. *Lei Nº 9.394/96*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Presidência da República*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 dez. 2016.

BRASIL. *Parecer CNE/CEB Nº 17/97*. Estabelece as diretrizes operacionais para a educação profissional em nível nacional. Portal do Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/tecnico/legisla_tecnico_parecer1797.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2016.

CEARÁ. *Lei Nº 14.273/08*. Dispõe sobre a criação das Escolas Estaduais de Educação Profissional – EEEP, no âmbito da Secretaria da Educação, e dá outras providências. Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Disponível em: <<http://www.al.ce.gov.br/legislativo/legislacao5/leis2008/14273.htm>>. Acesso em: 7 dez. 2016.

CHIZZOTTI, A. *A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 4ªed. Petrópolis: Vozes, 2011.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. *Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação*. 2ªed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo e quantitativo*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, L. A. Ensino médio e ensino técnico na América Latina: Brasil, Argentina e Chile. *Cadernos de Pesquisa*, n. 111, p. 47-70, dez. 2000.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S.. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens*. 2 ed., Porto Alegre: Artmed, 2006.

DORNELAS, J. C. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

FERREIRA, A.; REIS, A. C. F.; PEREIRA, M. I. *Gestão empresarial – De Taylor aos nossos dias: evolução e tendências da moderna administração de empresas*. São Paulo: Thomson Learning, 2002.

FERREIRA, E. R. A.; FREITAS, A. A. F. Propensão empreendedora entre estudantes participantes de empresas juniores. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v.2, n.3, p. 3-32, 2013.

FERREIRA, P. G. G.; MATTOS, P. L. C. L. Empreendedorismo e Práticas Didáticas nos Cursos de Graduação em Administração: os Estudantes Levantam o Problema. In: ENCONTRO DA ANPAD, 28., 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2004.

FILLION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração de Empresas*, v. 34, n.2, p.5-28, 1999.

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 3ªed., Porto Alegre: Bookman, 2009.

GARCIA, F. C. *Repensando o paradigma taylorista na ciência administrativa: um ensaio sobre os primórdios da racionalização do trabalho*. Tese (Professor Titular) – Faculdade de Ciências Econômicas – FACE, UFMG. Belo Horizonte: CAD. (Cap. II), 1981.

GARCIA, S. R. O. *A educação profissional integrada ao ensino médio no Paraná: avanços e desafios*. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

GRAEVENITZ, G.; HARHOFF, D.; WEBER, R. The effects of entrepreneurship education. *Journal of Economic Behavior & Organization*, v. 76, n. 1, p. 90-112, 2010.

GRAY, D. E. *Pesquisa no mundo real*. 2ªed. Porto Alegre: Penso, 2012.

KUENZER, A. Z. As relações entre trabalho e educação no regime de acumulação flexível: apontamentos para discutir categorias e políticas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 30., 2007, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPED, 2007.

_____. *Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Exclusão excludente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J.L. (Orgs.). *Capitalismo, Trabalho e Educação*. 2ª ed. Campinas: Autores Associados/HISTEDBR, 2004. p.77-96.

LIMA, A. L. B. *Escolas estaduais de educação profissional: a experiência do ensino médio integrado à educação profissional no Ceará a partir de 2008*. 2014. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2014.

LIMA-FILHO, D. O.; SPROESSER, R. L.; MARTINS, E. L. C. Empreendedorismo e Jovens Empreendedores. *Revista de Ciências da Administração*, v. 11, n. 24, p. 246-277, 2009.

LOPES JÚNIOR, G. S.; SOUZA, E. C. L. Atitude empreendedora em proprietários gerentes de pequenas empresas: construção de um instrumento de medida. *Revista Eletrônica de Administração*, v. 11, n. 6, p. 1-14, 2005.

LORAS, J.; VIZCAÍNO, J. Is technical training an obstacle to entrepreneurship? *Management Decision*, v. 51, n. 5, p. 999-1010, 2013.

MARGLIN, S. Origem e funções do parcelamento das tarefas: para que servem os padrões? In: GORS, A. (Org.) *Crítica da divisão do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p.37-77.

MCCLELLAND, D. *A sociedade competitiva: realização e progresso social*. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 1972.

NASCIMENTO, A. C. V. As escolas profissionais de educação profissional no Ceará: o empreendedorismo na educação formal? In: COLÓQUIO NACIONAL, 3., 2015, Natal. *Anais...* Natal: IFRN, 2015.

OLAKITAN, O. O.; AYOBAMI, A. P. An investigation of personality on entrepreneurial success. *Journal of Emerging Trends in Economics and Management Sciences*, v. 2, n. 2, p. 95-103, 2011.

PAULANI, L M. O projeto neoliberal para a sociedade brasileira: sua dinâmica e seus impasses. In: LIMA C. F.; NEVES, L. M. W. (Orgs.). *Fundamentos da Educação Escolar do Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. p. 67-107.

PREMAND, P. et al. Entrepreneurship education and entry into self-employment among university graduates. *World Development*, v. 77, p. 311-327, 2016.

SANTOS, P. C. F. *Uma escala para identificar potencial empreendedor*. 2008. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

_____; MINUZZI, J.; CRUZ, N. J. T. O Ensino do empreendedorismo nos cursos de administração: sugestões a partir do perfil empreendedor de estudantes alagoanos e catarinense. In: ENEPQ, 1., 2007. Recife. *Anais...* Recife: ANPAD, 2007.

SCHACHTER, H. L. The role played by Frederick Taylor in the rise of the academic management fields. *Journal of Management History*, v. 16, n. 4, p. 437-448, 2010.

SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. Perfil empreendedor e desempenho organizacional. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 13, n. 3, p. 450-467, 2009.

TÄKS, M. et al. Engineering students' experiences in studying entrepreneurship. *Journal of Engineering Education*, v. 103, n. 4, p. 573-598, 2014.

VIERIA, S. F. A. et al. A visão dos estudantes universitários de administração sobre empreendedorismo: comparações entre o estudo Guesss Brasil 2011 com o

levantamento realizado na Universidade Estadual de Londrina - PR. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v. 3, n. 3, p. 77- 103, 2014.

VIZEU, F. (Re)contando a velha história: reflexões sobre a gênese do management. *Revista de Administração Contemporânea*, v.14, n.5, p.780-797, 2010.

WERMELINGER, M.; MACHADO, M. H.; AMÂNCIO FILHO, A. Políticas de educação profissional: referência e perspectivas. *Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.*, v. 15, n. 55, p. 207-222, 2007.